

AUTOESTIMA ENTRE IDOSOS NA ERA DIGITAL: O PROCESSO DE INCLUSÃO POR MEIO DAS ATIVIDADES DO LIM/UEG

Mylena Seabra Toschi¹ (UEG)
Yara Fonseca de Oliveira e Silva² (UEG)

Resumo

Atualmente há um aumento de expectativa de vida (FERNANDES, 2009) e a sociedade na Era da Informação vem se tornando cada vez mais complexa e dependente das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação. Estas variáveis vêm favorecendo um fenômeno que ficou conhecido como exclusão digital entre os idosos (BEZ et al, 2006), criando neles um provável sentimento de inadequação e desvalia. Silveira (2001) observa que a inclusão social passa pela inclusão digital. Negar conhecimento e possibilidade de acesso às tecnologias a essas camadas já excluídas de direitos sociais significa desvalorizá-las por questões nas quais são mais vítimas do que responsáveis. Esta pesquisa pretende investigar as interferências do processo de inclusão digital sobre o construto autoestima entre idosos que participem das oficinas de aprendizagem desenvolvidas pelo Projeto Inclusão Digital e Social – Conhecimento e Cidadania do Laboratório de Mídias Interativas (LIM) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Entendendo que o construto autoestima é um elemento psicológico de grande importância para a qualidade de vida das pessoas e reflexo das interações sociais e leituras que o idoso realiza a cerca das suas experiências e percepções sobre a realidade, torna-se premente o estudo sobre inclusão digital de idosos que articule as questões subjetivas do indivíduo idoso – incluindo sua autoestima – com aspectos sociais, culturais e econômicos da era digital, a estigmatização social, a exclusão digital do idoso e o processo de inclusão deste. Para investigar as relações entre inclusão digital e a autoestima busca-se desenvolver um estudo qualiquantitativo. A pesquisa utilizará escalas para a quantificação de níveis de autoestima para complementar as informações obtidas com os dados das entrevistas, observações, videogravações dos encontros e protocolos de registro. Espera-se que a pesquisa contribua com a reflexão sobre a importância que as políticas de inclusão digital exercem sobre a qualidade de vida de uma importante parcela da população de Goiás.

Palavras chave: Idosos. Inclusão digital. Autoestima. Exclusão digital.

1. Introdução

Este estudo trata-se de um projeto de pesquisa que será realizado com idosos e tutores que participem das oficinas de aprendizagem desenvolvidas pelo Projeto Inclusão Digital e Social – Conhecimento e Cidadania do Laboratório de Mídias Interativas (LIM) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no período de 2015 a 2016. Serão analisadas as consequências da exclusão digital sobre o construto autoestima desses idosos, bem como o processo de inclusão promovido pelas atividades do LIM.

Atualmente há um aumento de expectativa de vida (FERNANDES, 2009) e a sociedade na Era da Informação vem se tornando cada vez mais complexa e dependente das chamadas

¹ Psicóloga, Psicopedagoga e aluna do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT/UEG. Email: mstoschi@hotmail.com

² Doutora, Orientadora e docente do MIELT/UEG

Tecnologias da Informação e Comunicação, mais especificamente das mídias interativas (*internet*). Estas variáveis, longevidade combinada com dependência das mídias interativas, vem favorecendo um fenômeno que ficou conhecido como exclusão digital entre os idosos (BEZ et al, 2006), criando neles um provável sentimento de inadequação e desvalia.

Os idosos que participaram das oficinas de inclusão digital do LIM revelam em seus relatos, sentimentos de afetos e de agradecimentos aos tutores, o que possivelmente são relativos à promoção da autoestima do idoso durante as aulas. Ao que parece estabelecem uma relação constante e íntima, promotora de vínculo durante o desenvolvimento das oficinas. As questões que interessam investigar são: A situação de exclusão digital a que o idoso se vê imposto interfere na sua autoestima? As atividades sócio educativas do LIM interferem no nível de autoestima dos idosos participantes da pesquisa? É a aprendizagem, fruto do processo de inclusão digital, que pode gerar impacto na autoestima do idoso? Ou a possível alteração da autoestima seria resultado das interações entre os tutores das oficinas de aprendizagem do LIM e os idosos participantes da pesquisa?

Com o aumento da longevidade entre os brasileiros cresce a preocupação e o interesse pela qualidade de vida dos idosos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicava, em 2010, que no Brasil havia 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos, contra 13,8 milhões de crianças de até quatro anos (PNAD 2009).

Simultaneamente a esse aumento de expectativa de vida, a sociedade na Era da Informação vem se tornando cada vez mais complexa e dependente/usuária das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação, mais especificamente das mídias interativas. Em especial, aquelas em que o uso da *Internet* vem se intensificando como forma de interação do sujeito com outros sujeitos, com as informações e serviços, inclusive os governamentais.

Tais variáveis, longevidade combinada com dependência das mídias interativas, vem favorecendo um fenômeno que ficou conhecido como exclusão digital entre os idosos (BENZ et alli, 2006), criando neles um provável sentimento de inadequação e desvalia.

Este estudo pretende investigar as interferências do processo de inclusão digital sobre o construto autoestima - elemento psicológico de grande importância para a qualidade de vida das pessoas.

Como a autoestima é reflexo de várias interferências, busca-se com o desenvolvimento deste projeto, saber qual o papel da inclusão digital na melhoria dos níveis deste construto. Assim compreender se a relação afetiva estabelecida nas oficinas entre os tutores e idosos e as habilidades dos tutores que desenvolvem uma relação pedagógica menos excludente ou inclusiva tenham uma possível interferência na autoestima dos sujeitos da pesquisa.

Espera-se que a pesquisa contribua com a reflexão sobre a importância que as políticas de inclusão digital exercem sobre a qualidade de vida de uma importante parcela da população de Goiás.

2. A autoestima

O conceito de autoestima transita entre o senso comum e os fundamentados pela ciência da psicologia. Tal característica de ambiguidade conceitual exige uma revisão bibliográfica acerca do tema, sua evolução histórica, referenciais teóricos e instrumentos de avaliação válidos.

Goñi e Fernández (2009, p. 25) apontam que “o conceito que uma pessoa tem de seu *self* surge das interações com os outros e reflete as características, expectativas e avaliações dos demais”. Ou seja, o autoconceito de uma pessoa configura-se constantemente nas interações sociais com os demais. Assim, a percepção que o sujeito tem sobre si mesmo está determinada pela percepção das reações que os outros (no social) têm para com ele.

Neste sentido, o *self* é uma estrutura essencialmente social, sendo, portanto, desenvolvido na experiência das interações sociais. Ademais, o processo de conhecer-se a si mesmo dá-se pela visão que o sujeito tem da própria imagem através do ponto de vista dos outros.

Shavelson et al. (apud GOÑI; FERNÁNDEZ, 2009, p. 32) definem o autoconceito como “a percepção que uma pessoa tem de si mesma, que se forma a partir das experiências e relações com o meio, em que desempenham um importante papel tanto os reforços ambientais como os outros significativos”. Goñi e Fernández (2009) consideram que o autoconceito tem um aspecto descritivo, ou seja, a pessoa faz descrições de si mesma com um aspecto avaliativo, ou seja, ela realiza uma (auto) avaliação sobre suas condutas e qualidades/defeitos.

Janeiro (2008) reflete sobre a autoestima citando Coopersmith (1981) e Rosenberg (1986). Para Coopersmith (1981), a autoestima refere-se à avaliação que a pessoa faz em relação a si própria e “reflete uma atitude de aprovação ou desaprovação, indicando a extensão em que o indivíduo acredita em si próprio como capaz, significativo e com valor” (p. 6). Rosenberg (1986) refere-se à autoestima como uma atitude em relação ao *self*, “envolvendo sentimentos de autoaprovação, autorrespeito e autovalorização” (p. 120).

O foco das discussões teóricas sobre a autoestima têm se fixado na questão da sua dimensionalidade. Autores como Harter (1999) e Coopersmith (1989) sustentam o seu caráter multidimensional. Isso porque, além de uma possível decomposição do construto em fatores, os autores consideram importante avaliar esta característica em diferentes domínios (social, escolar, familiar, etc.), já que os sujeitos podem ter percepções positivas de si em algumas áreas e não em outras (apud SBICIGO, 2011).

O estudo desses autores esclarece que a autoestima tem relação com o valor que o adulto percebe, desde a infância, dos outros em direção a si, que é expresso em afeto, elogios e atenção; a experiência com sucessos ou fracassos; a definição individual de sucesso e fracasso, as aspirações e exigências que a pessoa coloca a si mesma para determinar o que constitui sucesso e a forma de reagir às críticas ou comentários negativos (GOBITA & GUZZO, 2002).

Percebe-se aqui que as características fundamentais da autoestima são a autoavaliação e os julgamentos de valorização pessoal, colocando em evidência a dinâmica cognitivo-afetiva na base da autoestima. Leary e colaboradores (1995) relatam que “as pessoas não *pensam* simplesmente bem ou mal acerca de si próprias, as pessoas *sentem-se* bem ou mal consigo próprias”. A autoestima é, assim, essencialmente afetiva (p. 89).

Neste sentido, Maia (2005) indica as situações precursoras de uma autoestima negativa: críticas, rejeições, humilhações, abandono, desvalorizações e perdas. Situações que podem ser frequentes entre excluídos digitais idosos.

3. A questão da exclusão e da inclusão digital do idoso

A Internet tem sido o tecido social de nossas vidas (CASTELLS, 2003). A utilização das TIC³ e da Internet causou alterações perceptíveis na sociedade em geral. Foi incorporado tanto nas atividades de ensino e pesquisa, quanto naquelas voltadas para o mundo dos negócios. Difundiu-se, com isso, uma nova forma de relacionamento social, a sociedade em rede. Basta ver o crescimento exponencial das redes sociais para lazer, trabalho, criação e manutenção de relações, na vida social, com amigos próximos e distantes, inclusive nas empresas e entre as empresas.

Embora os índices de acesso à Internet estejam aumentando, o crescimento não se faz de maneira igualitária, nem entre os estados, nem entre as camadas sociais e nem em relação às pessoas isoladamente. Como e por que deixar tantas pessoas sem acesso a este mundo - o ciberespaço - que é simultâneo à realidade concreta na qual convivemos?

Cidadania é compreendida como reconhecimento dos direitos dos sujeitos, mas também como participação social (GOHN, 1999), como capacidade de saber buscar informações que permitam aos indivíduos atuarem com mais capacidade em sua vida produtiva e social. Se as informações circulam nos fluxos da sociedade em rede (CASTELLS, 2003), compreender esse movimento e saber apropriar-se dele é uma forma de exercício de cidadania.

Falar de inclusão ou de exclusão já evidencia a existência de desigualdades. A promoção de políticas de inclusão é o reconhecimento de que o país convive com a ampla exclusão, resultante das

³ Tecnologias de Informação e comunicação

“relações de produção capitalistas que, por sua estrutura excludente, gera um modelo de desenvolvimento que exacerba as diferenças econômicas, políticas e culturais entre os grupos sociais” (GRACINDO, 2007, p. 11).

Para Silveira (2001), a inclusão social passa pela inclusão digital, uma vez que é pela rede mundial de computadores, a Internet, que circula a informação e ter acesso a ela é também ter poder.

A exclusão digital, neste caso, diz respeito às desigualdades no uso e no acesso às TIC, como os telefones celulares, o computador ou a Internet. Por esta razão, a exclusão digital representa apenas uma fatia do conjunto das desigualdades econômicas e sociais. O que significa, em termos sociológicos, que a capacidade dos países de industrialização recente devem se adaptar, produzir e difundir as novas tecnologias informacionais como fator determinante de seu desenvolvimento.

Frias (2011) afirma que:

Frente à evolução tecnológica de maneira vertiginosa, na atualidade, os idosos devem se apoderar dos meios tecnológicos para usá-los de modo consciente em prol da construção de uma nova imagem da velhice, tornando-se cidadãos participantes e ativos da sociedade do conhecimento e não somente um espectador passivo que utiliza os recursos gerados por outrem (p.1607).

Segundo Medeiros (2012), as ferramentas são muitas, tais como computadores pessoais, caixas eletrônicas, telefones celulares e Internet o que emerge como revolucionário meio de integração social, no processo de Inclusão Digital. Ferramentas que enriquecem a comunicação e proporcionam acesso a informações e serviços diversos, e em tempo real, representam um processo de ganho sociocultural e de empoderamento, do qual se faz necessária outra alfabetização, a digital.

4. O idoso

O envelhecimento é um fenômeno histórico, social, cultural, de alta complexidade, multifacetado e multidisciplinar que perpassa as trajetórias de vida pessoal e social e só pode ser compreendida em determinados tempo, espaço, classe social relações de gênero e de etnia, dentre outras variáveis.

Envelhecer significa acumular experiências socialmente. Além disso, tal fenômeno pode ser caracterizado a partir da construção social realizada em um cenário cultural e histórico específico. Portanto, é salutar interpretar esse curso de vida humano como sendo dependente do contexto social, onde determinado indivíduo se insere (CALDAS, 2004). Nessa perspectiva, essa autora avalia que a forma de cada sociedade encarar o processo de envelhecimento, em especial, condiz com seus padrões de ver e sentir o mundo; e ainda com suas interpretações (ou conceitos) sobre o curso da existência construído socialmente e inserido na dinâmica dos valores e das culturas das quais se originam.

De fato, o contexto sociocultural é muito importante na caracterização do processo de envelhecimento. A esse aspecto, Caldas (2004) adverte que não se pode considerar separados do cenário os dados orgânicos e os fatos psicológicos, pois ambos se impõem mutuamente nessa relação, de modo que a sociedade condiciona ao idoso o seu lugar e seu papel, de forma ideológica e prática. Em suas palavras, “[o] cidadão não é velho só porque seu organismo está em processo de declínio biológico, mas sobretudo, porque assim é decretado. Portanto, é também um fenômeno cultural” (CALDAS, 2004, p. 52).

Segundo Zacharias (2009), o Brasil é um país de terceiro mundo configurado pelo fenômeno da globalização, uma sociedade capitalista de contornos neoliberais, caracterizada pela competitividade e agilidade, um mundo ocidental que privilegia a tecnologia e o ter em detrimento do ser, onde vence aquele que for mais capaz. A autora afirma que esse padrão de sociedade, excludente e autoritário, onde a modernidade, com suas tecnologias avançam, criando novas possibilidades, tem degradado o saber e o conhecimento, fazendo com que os idosos não obtenham o acesso às novas produções, tampouco condições para acompanhá-las.

Nessa paisagem, ainda ecoando o pensamento da autora, o idoso é uma peça descartável no próprio sistema produtivo, impossibilitado de desfrutar daquilo que ele mesmo produziu. Todos esses fatores corroboram para ideologias, preconceitos internalizados e expressos na sociedade, que marginalizam a figura do idoso, causando sentimentos de revolta e impotência humana nas esferas socioeconômica e familiar.

Zacharias (2009) também incrementa que devido ao fato de os idosos, por si só, não terem condições de superar as dificuldades naturais do envelhecimento, uma vez que não foram preparados para isso, eles acabam por entregar e assumir valores de preconceitos. Essas concepções, por seu turno, são tidas como verdadeiras e colocam os próprios idosos à margem da sociedade que, conseqüentemente, também os marginaliza.

Monteiro (2008) adiciona que a sociedade, em geral, possui uma crença negativa arraigada sobre o envelhecimento. Entretanto, a psicologia da ancianidade entende que o envelhecer não significa uma decadência, e sim uma sequência da vida, com suas peculiaridades e características (ALMEIDA, 2008). Portanto, é importante nos conscientizarmos do valioso papel social do idoso em uma sociedade e cultura e, nessa perspectiva, propor meios, incentivos e ações que façam dessa idade uma época para continuar aprendendo e trocando experiências. Essa autora aposta no estímulo do autoconhecimento e da sabedoria por parte dos idosos, a fim de que possam se autoquestionar e, por conseguinte, autoconstruírem consciente e socialmente.

Entendendo que o construto autoestima é um elemento psicológico de grande importância para a qualidade de vida das pessoas e reflexo das interações sociais e leituras que o idoso realiza a cerca das suas experiências e percepções sobre a realidade que o cerca, torna-se premente o estudo sobre inclusão digital de idosos que articule as questões subjetivas do indivíduo idoso – incluindo sua autoestima – com os aspectos sociais, culturais e econômicos da era digital, a exclusão digital do idoso e o processo de inclusão deste.

5. Metodologia

Para investigar as relações entre inclusão digital e a autoestima busca-se desenvolver um estudo com características quali-quantitativas.

A pesquisa quantitativa procura seguir com rigor um plano previamente estabelecido, baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional, buscando enumerar ou medir eventos. Esse tipo de pesquisa é criticado por não abarcar a complexidade de uma questão, resultando numa visão reducionista das relações pesquisadas.

A pesquisa qualitativa não segue um plano rigorosamente estabelecido, sendo direcionada ao longo do seu desenvolvimento. Seu foco de interesse é amplo e parte da obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Procura entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situa sua interpretação dos fenômenos estudados. Uma pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos no mundo social, levando em conta os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas – compreendendo a dinâmica entre o mundo e o sujeito, levando em conta a subjetividade (NEVES, 1996).

De acordo com Pope e Mays (apud NEVES, 1996) os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem. Embora difiram quanto à forma e à ênfase, os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimento de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Pode-se distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não seria correto afirmar que guardam relação de oposição.

Morse (apud NEVES, 1996) propõe o emprego da expressão “triangulação simultânea” para o uso ao mesmo tempo de métodos quantitativos e qualitativos. Esse autor ressalta que combinar técnicas quantitativas e qualitativas torna uma pesquisa mais forte e reduz os problemas de adoção exclusiva de um desses grupos. Por outro lado, a omissão no emprego de métodos quantitativos, num estudo em que se faz possível e útil empregá-los, empobrece a visão do pesquisador quanto ao

fenômeno estudado. Neste sentido, tais métodos não se contrapõem, na verdade complementam-se e podem contribuir, em um mesmo estudo, para um melhor entendimento do fenômeno estudado.

Segundo Bryman (APUD FLICK, 2009), o problema da generalização na pesquisa qualitativa pode ser resolvido através do acréscimo das descobertas quantitativas, considerando-se que as descobertas qualitativas deverão facilitar a interpretação das relações existentes entre as variáveis dos conjuntos de dados quantitativos.

Nesse sentido, essa pesquisa baseia-se nos princípios da pesquisa qualitativa mas utiliza-se de métodos próprios da pesquisa quantitativa. Com isso objetiva-se enriquecer as análises, para a melhor compreensão do fenômeno estudado.

Este estudo será realizado com idosos e tutores que participem das oficinas de aprendizagem desenvolvidas pelo Projeto Inclusão Digital e Social – Conhecimento e Cidadania do Laboratório de Mídias Interativas (LIM) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no período de 2015 a 2016. Serão analisadas as consequências da exclusão digital bem como as interferências do processo de inclusão digital promovido pelas atividades do LIM sobre o construto autoestima desses idosos.

Primeiramente a pesquisa buscará, por meio de revisão bibliográfica, o conhecimento de teorias que irão embasar a compreensão do objeto a ser estudado. Parte da execução deste projeto é a identificação de inventários e escalas que tratem da autoestima. A partir desse levantamento teórico conceitual, será feita a escolha do instrumento de avaliação da autoestima mais adequado à concepção teórica adotada pela pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa serão cerca de 16 idosos recrutados no Centro de Convivência de Idosos da Prefeitura Municipal de Anápolis, entre servidores da Universidade Estadual de Goiás e pessoas da comunidade que manifestarem interesse. O critério de seleção desses sujeitos será o interesse em participar do estudo e apresentar nível adequado de ajustamento emocional na Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo-EFN (HUTZ, 2011).

Essa escala é um instrumento objetivo de avaliação da personalidade humana e refere-se ao nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional, com variáveis psicológicas amplamente estudadas e conhecidas (como depressão, ansiedade, bem estar subjetivo, etc). Objetiva-se com a aplicação dessa escala, suprimir a interferência de possível instabilidade emocional, transtornos psicológicos ou de personalidade nos escores de autoestima do sujeito.

Após a seleção dos idosos sujeitos da pesquisa será identificado o nível de autoestima desses. Para isso será utilizado o instrumento de avaliação escolhido a partir do levantamento teórico conceitual acerca da autoestima.

Nesta etapa também serão realizadas entrevistas semi-estruturadas buscando investigar em que medida a exclusão digital - se ela existir - reforça os prejuízos que o indivíduo percebe na sua autoestima.

As atividades nas oficinas de inclusão digital serão acompanhadas com observação dos idosos e tutores, videogravação dos encontros, registro em fotos, preenchimento de protocolos de registro das ocorrências dos encontros e o acompanhamento pessoal junto aos usuários do LIM para identificar quais as angústias suscitadas e as estratégias cognitivas utilizadas pelos sujeitos no processamento das informações relevantes sobre si durante as ações.

Ao final do período de desenvolvimento das oficinas novamente será identificado o nível de autoestima desses utilizando o instrumento de avaliação escolhido a partir do levantamento teórico conceitual acerca da autoestima.

Novamente serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os idosos buscando capturar a percepção destes sobre a relação entre a autoestima e a exclusão digital a que se vê imposto. As entrevistas também irão abordar a relação com o tutor investigando em que medida a relação com este possa ter influenciado na sua autoestima e na forma que interpreta a situação de exclusão digital.

Serão realizadas também entrevistas com os tutores buscando compreender a percepção dos tutores quanto à sua relação com os idosos e as possíveis interferências dessa relação com a autoestima dos sujeitos.

A análise se dará combinando os dados coletados pelas entrevistas, observação, videogravação dos encontros, protocolos de registro dos encontros com as informações obtidas com o instrumento quantitativo da autoestima.

Trata-se então de uma pesquisa de caráter quali-quantitativa na medida em que fará uso de instrumento para a quantificação de níveis de autoestima, mas apresenta caráter qualitativo ao suplementar as informações obtidas com esse instrumento com os dados das entrevistas semi-estruturadas, observação, videogravação dos encontros, protocolos de registro e o acompanhamento pessoal junto aos usuários do LIM.

6. Referências:

ANTONIOLI, Leonardo. *Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil*. 08.11.2011. Disponível em http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php Capturado em 12.11.2011.

ASSMANN, Hugo e MO SUNG, Jung. Competência e sensibilidade solidária – educar para a esperança. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BEZ, M. PASQUALOTTI, P. R. PASSERINO L. M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. Brasília – DF. In: Workshop em Informática na Educação (sbie). Anais... XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, SBIE, UNB/UCB. 2006, v. 6, p.61-70.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação* – mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. (p. 255 a 288).

FERNANDES, H. M., et al. *A influência da actividade física na saúde mental positiva de idosos*. Motricidade.v.5 n.1 Santa Maria da Feira jan. 2009. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2009000100004&lang=pt Capturado em março de 2013.

FRIAS, Marcos Antonio da Eira *et al.* Utilização de ferramentas computacionais por idosos de um Centro de Referência e Cidadania do Idoso. **Rev. esc. enferm. USP** vol.45 no.spe São Paulo Dec. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000700011>. Capturado em: 04 de março de 2013.

GOBITTA, M., GUZZO, R. S. L. Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. *Psicologia Reflexão Crítica* , vol.15, n.1 . 2002

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal e Cultura Política. Coleção Questões da Nossa Época, v. 71. São Paulo: Cortez, 1999.

GRACINDO, Regina V. Inclusão social e escolar: a contribuição de pesquisas. In: GRACINDO, R. V. (orgs.). Educação como exercício da diversidade – estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais. Brasília: Liber Livro, 2007.

HUTZ, C. S. e ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: *Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roeserberg self-esteem scale*. Aval. psicol.[online]. 2011, vol.10, n.1, pp. 41-49. ISSN 1677-0471. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a05.pdf> Capturado em novembro de 2013.

HUTZ,C. S. Escala de Ajustamento Emocional/Neuroticismo – EFN. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

JANEIRO, Isabel N. Inventário de Auto-Estima de Coopersmith: Características psicométricas da versão portuguesa . Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, 2008. Disponível em: http://www.academia.edu/529334/Inventario_de_Autoestima_de_Coopersmith_Caracteristicas_psicomtricas_da_versao_portuguesa Capturado em maio de 2013.

LAERY, M. R., TAMBOR, E. S., TERDAL, S. K. & DOWNS, D. L. Self-esteem as an interpersonal monitor: The sociometer hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 518-530, 1995.

MAIA, Enrique. Mas, o que é auto-estima? 2005. Disponível em: <http://www.inpooline.com.br/autoestima/>. Acesso em 15 de Abril de 2014.

MEDEIROS, Felipe de Luca *et al.* Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). **Rev. bras. epidemiol.** vol.15 no.1 São Paulo Mar. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2012000100010>. Capturado em: 04 de março de 2013.

NEVES, José L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo, Vol.1, n.03, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf> Capturado em julho de 2015.

PIRES, Z. R. S.; SILVA, M. J. - Autonomia e capacidade decisória dos idosos de baixa renda: uma problemática a ser considerada na saúde do idoso. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001. Disponível: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>. Capturado em abril de 2012.

SBICIGO, J. B., BANDEIRA, D.R., DELL'AGLIO, D.D. Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a12.pdf> Capturado em maio de 2013.